

Do horror ao Heroísmo: A Representação da Guerra no Jornal A Federação¹

Laísa Veroneze Bisol²
Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO

Esta pesquisa analisa o modo como a Revolução Federalista, estabelecida em território rio-grandense, foi representada pelo jornal que circulava na época, *A Federação*, periódico que pertencia ao Partido Republicano. Este trabalho é realizado a partir de revisão bibliográfica, mas, especialmente, através da análise documental de textos publicados em edições do jornal correspondentes ao período da guerra. A fundamentação está baseada nas ideias de Rüdiger, Barbosa e Sodré, além de outros pesquisadores. Através deste trabalho se reconhece o modo como se fazia jornalismo impresso no Rio Grande do Sul ao final do século XIX, de modo particular, na maneira como a guerra se representa, a partir das idealizações e percepções de grupos políticos específicos.

PALAVRAS-CHAVE: A Federação; jornalismo; Revolução Federalista; guerra

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O resgate de acontecimentos históricos se dá pela possibilidade de representação. Para além de livros específicos de história, que recordam e explicam os fatos e a trajetória dos povos, outras formas de narrativas também são capazes de fazer presentes ações do passado. Os jornais, por exemplo, apresentam a notícia como forma de resguardar esta história, relatos que, lidos anos depois, possibilitam novas formas de apreciação, conhecimento e reflexão em torno destes episódios. Sendo assim, a representação pode ser uma forma de proporcionar um melhor entendimento acerca do mundo em que vivemos e das situações que marcam a história.

Compreendendo a importância do entendimento das guerras, não somente enquanto parte da história de um povo mas, especialmente, enquanto fato passível de

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Professora Substituta no Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Estudante do Doutorado em Letras da UFSM. E-mail: laisabisol1@gmail.com.

novas reflexões, analisaremos, neste artigo, o modo como a Revolução Federalista foi representada no jornal *A Federação*, que circulou no Estado do Rio Grande do Sul também durante o período da Guerra.

A Revolução Federalista aconteceu entre 1893 e 1895. Esta revolta tratou-se da pretensão de uma parcela da população gaúcha que entendia que o estado do Rio Grande do Sul deveria ter mais autonomia, e isso seria possível através da descentralização do poder da República, que acabara de ser proclamada. Conforme Pesavento (1983, p. 9) esta revolução é “caracterizada por atos de violência e barbárie”.

A mudança das ocupações políticas durante o governo de Floriano Peixoto, e substituição dos políticos do lado de Deodoro da Fonseca, atingiu o estado gaúcho, gerando uma disputa entre dois partidos políticos, o Republicano Rio-grandense, que apoiava Júlio de Castilhos, aliado a Floriano, e o Partido Federalista, com ideias contrárias às do governo de Júlio de Castilhos e defensor de um regime parlamentarista. Os republicanos, do lado de Castilhos, eram identificados por um lenço branco e chamados de pica-paus ou chimangos, enquanto que os federalistas, de lenço vermelho, eram chamados de maragatos.

Os federalistas revoltaram-se quando Castilhos voltou ao poder e utilizaram-se de força armada, visando à deposição do político. Contudo, a ágil reação do governo os obrigou a recuar para Uruguai e Argentina. A reação a este episódio foi a invasão a diversas cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, as quais os federalistas conquistavam através de ataques.

Depois de outros diversos conflitos e do enfraquecimento da tropa dos maragatos, foi assinado em 1895, um acordo de paz, concedendo anistia aos envolvidos na revolução, conforme explica Moacyr Flores (1999). Segundo o autor, no início do mês de julho daquele ano, o general Silva Tavares suspendeu as inimizades a partir de um encontro com o general Inocêncio Galvão de Queiroz deu início a um entendimento para findar a guerra de 31 meses com saldo de doze mil mortes.

Para Cesar Guazzelli, não somente no Rio Grande do Sul mas em todo o espaço platino as guerras ficaram conhecidas pelo uso de armas brancas. “O mesmo ginete que arriscava arriscava a vida diariamente com as reses cimarronas, comparecia como cavaleiro invulgar nas montoneras, manejando a lança com a mesma habilidade que o fazia com laço e boleadeiras” (GUAZZELLI, 2004, p. 57). A partir disso, percebe-se as práticas violentas oriundas deste episódio e estas atitudes bárbaras passaram a ser

representadas através dos periódicos. Conforme Pesavento (1983) esse período de batalhas configurou-se em uma das mais sangrentas guerras do Brasil.

2 REPRESENTAÇÃO DA GUERRA EM A FEDERAÇÃO

2.1 Procedimentos metodológicos

A fim de analisarmos o modo como a Revolução Federalista foi representada através do discurso jornalístico desenvolvido por este periódico, verificaremos edições publicadas entre 1893 e 1895, período em que a guerra foi estabelecida no Rio Grande do Sul, alastrando-se também pelo restante do país. A fim de poder compreender os discursos de maneira mais ampla, as edições foram selecionadas a partir das temáticas abordadas. Assim, analisaremos textos publicados em abril e maio de 1893, em janeiro e março de 1894 e em 20 de julho de 1895.

O presente estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla, que abrange também a representação da guerra através de manifestações artísticas: cinema e literatura, a partir da metodologia da Literatura Comparada. Contudo, para este recorte, nos valem do método denominado Análise Documental que consiste, segundo Oliveira (2007), na busca por informações a partir de um tratamento científico atribuído a documentos como fotografias, relatórios, reportagens jornalísticas e outros. Assim, este método permite ao analista verificar empiricamente a documentação e, posteriormente, buscar os significados advindos dela, o que, neste trabalho, faremos a partir dos pressupostos teóricos acerca da representação.

2.2 Representação

As narrativas, sejam elas jornalística, ou outras, como as artísticas, atuam como uma possibilidade de resgatar acontecimentos através de sua representação, trazendo presente aquilo que já aconteceu e fazendo conhecer determinados fatos.

Partindo desse pressuposto, podemos considerar a ideia de que, entre as funções da narrativa histórica enquanto não-ficcional, estaria a de narrar episódios, sem a necessidade de incrementá-los com outros elementos do campo ficcional. Consideramos a perspectiva de Rejane Pivetta de Oliveira (2003), a autora afirma que a *mimesis* traria consigo uma essência humana, sendo uma forma de representar anseios e empecilhos para os quais os indivíduos buscam respostas. Dessa forma, a imitação não seria reduzida ao imediatismo dos fatos, uma vez que o processo de captar a realidade

perpassa por uma seleção em que o narrador define aquilo que é mais relevante sobre as situações antes de transpassá-las para o discurso artístico. Citando Lukács, Oliveira (2003) traz a ideia de que através da *mimesis* é possível que se crie uma consciência do universo, já que a imitação não seria simplesmente uma cópia da realidade, mas, sim, uma representação transformadora e geradora de conhecimento. Ponderando o papel do enunciador nesta construção, Auerbach comenta:

Tudo é, portanto, uma questão da posição do escritor diante da realidade do mundo que representa; posição que é, precisamente, totalmente diferente da posição daqueles autores que interpretam as ações, as situações e os caracteres das suas personagens com segurança objetiva [...]. (AUERBACH, 1971, p. 470).

Tomando este pensamento como pressuposto, compreendemos que todo o ato de representação, inicia com um anseio e perpassa por um enunciador que reconhece esta necessidade, entende os fatos e escreve sobre esta realidade, dando a conhecer, ou, salvaguardar o mundo e suas situações.

A partir destas considerações, reafirmamos a ideia de que a representação é capaz de atribuir um novo sentido aos fatos narrados, possibilitando um novo entendimento em torno daquilo que aconteceu e posteriormente é reconstruído. Sendo assim, notamos a importância do enunciador no ato de selecionar as informações e o modo como irá transmiti-las.

2.3 A imagem da guerra através do periódico

Temos no final do século XIX, por volta de 1880, vésperas da Revolução Federalista, jornais que assumem uma nova proposta com relação aos periódicos precursores do jornalismo no Rio Grande do Sul. Os jornais passam a se modernizar e primar pela melhoria nas publicações havendo um aperfeiçoamento também na forma de distribuição dos impressos.

Neste período os partidos passaram a encarregar-se de criar suas próprias empresas e lançar novos jornais, conforme explica Rüdiger (1993) e, dessa forma, os políticos passaram a ocupar os lugares dos tipógrafos no comando das redações. Assim, a imprensa começa a ser vista e formada justamente enquanto empresa, já com fins também comerciais. “Entretanto, as preocupações econômicas não estavam na ordem do dia. A manutenção dos periódicos não constituía um problema financeiro, mas um problema político” (RÜDIGER, 1993, p. 27). O autor refere-se ao lançamento de

periódicos que não visavam a lucratividade, mas a formação da opinião pública, obrigando os jornais a agirem como partidos, época em que a imprensa esteve fortemente ligada à questão da abolição da escravatura, sendo responsável, inclusive, por muitas das alforrias.

O combate instaurado através dos jornais deu-se também entre um periódico e outro, ou seja, a imprensa da situação divulgava as suas ideias, mas também havia os jornais dos opositores, conflitando as informações. De acordo com Rüdiger (1993, p. 31) “a folha que pontificou não apenas na imprensa republicana, mas no próprio panorama do jornalismo político-partidário rio-grandense foi *A Federação*”. Assim poderemos verificar, se o objeto em análise neste trabalho possui estas características e, a partir delas, de que modo representou a questão da Revolução Federalista, sendo um jornal gerenciado pelos republicanos, ou seja, a situação.

Este jornal, lançado em 1884, teve, segundo Rüdiger (1993, p. 31), “significativo papel na articulação do movimento republicano da Província, assumindo desde o princípio o cunho de órgão de combate e propaganda”, sendo a diretoria de *A Federação* destinada a Júlio de Castilhos, que, segundo o mesmo autor, foi o responsável pela criação de novas concepções no jornalismo, especialmente “o conceito prático de que a imprensa não precisa limitar-se a registrar os acontecimentos políticos, pois que pode modificar seu curso” (RÜDIGER, 1993, p. 31), ideia que provocou opiniões contraditórias, mas também a receptividade do público, o que possibilitou a criação de espaço para intervenção normativa da imprensa.

É inegável a importância desse periódico como um elemento inovador no sentido jornalístico, enquanto fomentador da opinião pública, embora tome frente à um partido político. Neste recorte de tempo, o jornal trouxe sempre abaixo do seu nome o *slogan* “Órgão do Partido Republicano”, já deixando muito claro o posicionamento adotado nos textos veiculados através deste veículo impresso de comunicação. A propriedade do jornal esteve, neste período, no nome de Eduardo Marques, sendo o responsável pelo noticiário, João Maia e o diretor de redação Pedro Moacyr. Em 1895 o cargo de diretor de redação passa a ser de Pinto da Rocha.

Este jornal chegou a 10 mil exemplares, mas posteriormente decaiu, junto com o partido. A partir de 1930, conforme explica o mesmo estudioso, *A Federação* tornou-se órgão oficial do Partido Republicano Liberal, mas, em 1937, o jornal foi extinto oficialmente com a proclamação do Estado Novo.

Embora a maneira de fazer jornalismo tenha se modificado ao longo dos tempos, o que não muda é a utilização dos veículos de comunicação impressos como sendo um tipo de documentação, que guarda a história e a memória de um determinado período e população. Diante disso, Barbosa declara que os jornais retêm o excêntrico: “Aprisionando o acontecimento num suporte de excepcionalidade, reproduz-se sob a forma de letras impressas a memória do que é excepcional” (BARBOSA, 2010, p. 131).

Em *A Federação*, encontramos uma variedade de seções, com informações sobre diversos assuntos e não somente de cunho político, embora este prevaleça, junto com as publicações a respeito da guerra. Entretanto, há também notícias sobre municípios, religião, acidentes, situações do cotidiano e outras. Confirmando o caráter mais comercial que aparece nos jornais ao final do século XIX, *A Federação* possui um largo espaço voltado à publicidade. Além disso, há espaços destinados a declarações oficiais, seção livre, editais, avisos marítimos, leilões, telégrafos, nomeações do exército, agradecimentos, registros mortuários (inclusive sobre suicídios), notas da polícia, além de outras seções esporádicas. Os Folhetins também estão presentes nas páginas de *A Federação*, na maioria das vezes com histórias sobre romances e casamentos, com narrativas fictícias.

Mas as principais, mais longas e elaboradas matérias sempre ocupam a primeira página do jornal, algumas vezes tendo continuidade na seguinte. Sob o título “Ordem do dia”, seguem textos, normalmente com informações acerca da Revolução Federalista. Além disso, manchetes com expressões, como “combate”, “horrores” e “vitória”, são encontradas ao longo do impresso, que apresenta fatos políticos e de guerra, muitas vezes, em mais de um discurso em uma mesma edição.

Iniciaremos a análise por uma das “Ordens do dia”, publicada em 1º de abril de 1893, no jornal *A Federação*. O texto aparece com uma introdução em que o redator explica que, ao chegar à cidade de Bagé, uma expedição republicana foi levantar o cerco diante dos federalistas na ocasião em que o general da Brigada, João Baptista da Silva Telles, enviou informações acerca dos acontecimentos e também exaltando os feitos dos soldados:

Me é grato cumprir agora o dever de louvar as forças pela ordem, disciplina e moralidade que souberam manter durante todo o tempo da expedição, tornando-se dignas de apreço público, pela compreensão exacta dos seus deveres, revelada sobejamente n’esses dias de marcha, durante os quaes tive ocasião de observar o civismo, a abnegação e a boa vontade com que todos se prestam agora ao serviço da Patria, esforçando-se pelo restabelecimento da ordem publica n’este Estado,

perversamente perturbada pelo intuito ignóbil dos inimigos, de esphacelal-a por meio dos crimes e das crueldades que têm commettido com maior desplante, tornando-se por isso merecedores do desprezo da Republica e da maldicção do povo. (A FEDERAÇÃO, 1893, ed. 75, p.1).

A fim de vangloriar ainda mais aqueles que lutaram a favor dos republicanos, o narrador cita os nomes de diversos deles. No trecho do texto que citamos, podemos perceber que se há, por parte da população daquele período, a ideia de que os representantes nas batalhas fossem identificados como heróis, existe também um discurso que preserva e difunde esta imagem. O general refere-se aos soldados como exemplos de grandes homens, atribuindo-lhes características positivas e apresentando-os como verdadeiros representantes do povo, já que lutam por ele. O discurso apresentado ainda parece instigar a revolta contra os inimigos, através do desejo de maldição e a mensagem explícita de que é preciso desprezar aqueles que têm ideias contrárias ao governo ao qual o jornal representa.

Ainda na mesma página, o general do comando das forças estacionadas no Livramento, Izidoro Fernandes de Oliveira, também escreve uma ordem do dia, reforçando sua posição junto ao governo, sempre na defesa da situação política. No texto, o general refere-se aos oponentes como “homens sem alma” e “anemicos de idéias nobres” (A FEDERAÇÃO, 1893, ed. 75, p.1). O líder ainda menciona que estará sempre pronto a lutar, empenhando a sua palavra de soldado republicano. O discurso encerra com palavras de ânimo, de busca por proporcionar entusiasmo: “Viva a Republica! Viva a Nação! Viva o exercito nacional! Viva o governo da União! Viva o governo rio-grandense!” (A FEDERAÇÃO, 1893, ed. 75, p.1). Neste discurso, também podemos notar uma mensagem quase que subliminar aos leitores: é preciso que estejam prontos para a luta, que sejam exemplos e que o entusiasmo seja parte do cotidiano. Ao referir-se aos federalistas como povo sem alma, o articulista já não exalta o Rio Grande do Sul como um todo, uma vez que exclui uma parcela da população, considerando-a como pessoas que não são boas. Trata-se de um anseio por unificar o Estado apenas com aqueles que estão a favor do ideal da república.

Os dois textos que citamos são assinados por personalidades que fazem parte da guerra e não da redação do jornal, ou seja, poderiam se tratar apenas de artigos de opinião. Entretanto, ainda na mesma página, há uma notícia publicada pelos redatores do jornal, igualmente parcial. A matéria é apresentada sob o título “Banditismo em São

Borja” trata de “horrorosos attentados cometidos pelo *federalismo*” e do “dinheiro *arranjado*” que entregavam ao capitão após a “violencia carnal” (A FEDERAÇÃO, 1893, ed. 75, p. 1). São adjetivos que deixam evidente a posição do jornal – que já se intitula como pertencente ao governo republicano –, e o faz através de um discurso que não se preocupa em atenuar as ideias, expressando este direcionamento em sua totalidade. O *itálico* para informar que o dinheiro foi *arranjado* parece posto com um viés irônico, já que os assaltos eram frequentes durante as guerras. A matéria segue da seguinte maneira:

Não parou ainda o vandalismo. – Violentaram famílias, cujos nomes encobrimos para não ferir o decoro e respeito que votamos a essas victimas do banditismo. [...] As que não tinham olhos sulcados pelas lagrimas, estavam desvairadas. Por mais negro que seja o quadro pintado na imaginação, ainda não se tem chegado á verdade. [...] Segundo depoimentos, o plano era, uma vez reunidas as duas columnas, - seguirem para Santiago, ahi praticarem as mesmas selvagerias e depois marcharem para S. Borja, na mesma correria vertiginosa de crimes, destruírem tudo que fosse de republicanos. (A FEDERAÇÃO, 1893, ed. 75, p.1).

O texto carrega expressões que conotam a dor das pessoas atingidas pelo inimigo, entretanto, não se questionam quando o ataque é dos republicanos para com os federalistas. Também não podemos confirmar se as informações apresentadas são plenamente verídicas, embora devemos presumir que sim, por tratar-se de um periódico oficial de um partido que representa o Estado; além disso, as informações são vagas, pois não há precisão ao citar quem são as famílias atingidas e tampouco quais foram as fontes que deram os depoimentos a respeito das intenções do grupo federalista. Em nome de uma ideia, os representantes de cada um dos lados cometem atrocidades, que pouco são consideradas pelo discurso jornalístico em termos de sofrimento humano, o que se sobressai, nos textos apresentados, é a busca por culpados, com o intuito de denegrir a imagem do inimigo, mais do que promover sensibilização em torno do que as famílias precisam suportar.

Ocorre que isso acaba sendo natural para a época, tanto que sabedores de todos esses fatos e com tantas famílias destruídas, há comemorações quando uma batalha é vencida, mesmo que haja outros tantos feridos e mortos. Este aspecto pode ser visualizado na matéria “Viva a Republica!”, veiculada na edição de *A Federação* com data de 06 de maio de 1893. O texto relata a vitória dos republicanos na batalha ocorrida em Inhanduí: “Eis-nos vencedores! As armas republicanas em operações contra a

invasão *federalista*, estão cobertas de louros e mergulhadas na mais sagrada das alegrias! [...]” (A FEDERAÇÃO, 1893, ed. 103, p. 1). O discurso refere-se a uma comemoração a partir de uma vitória que se deu através de armas, texto publicado no mesmo jornal que há pouco mais de um mês tinha criticado o modo violento como os inimigos haviam procedido. Na mesma matéria, verificamos o seguinte trecho:

Tres annos de lutas heroicas, pacientes, sublimes, inexprimíveis! Tres annos de promptidão ao lado do estandarte da Republica, para não deixal-a morrer nas mãos dos velhos aventureiros [...] tres annos, aggravados pela ultima e recente crise da violação barbara de nosso territorio por estrangeiros e renegados, pela deshonra das familias rio-grandenses [...] tres annos gloriosos [...] garantindo a Republica, salvando a Patria, resgatando a dignidade e as tradições do legendario Rio Grande! [...]. Era preciso lutar até vencer ou morrer, era preciso esquecer familia, interesses, casa, commodidade se pegar em armas para repelir o estrangeiro e os renegados. A invasão *federalista* nos encontrou promptos a vencer pela Republica ou morrer com ella. (A FEDERAÇÃO, 1893, ed. 103 p. 1).

O modo como as palavras são dispostas e os argumentos se constroem parecem não tratar-se de discurso jornalístico. Muito pouco há em termos de informação no fragmento que lemos, o que se apresenta, são frases munidas de ideologias, de orgulho, de felicidade advinda de uma vitória. Mais uma vez o grupo republicano é tratado como heroico, e parece faltar adjetivos para caracterizar o quanto as lutas foram significativas ao passo que o redator as menciona como “inexprimíveis”. Enquanto a guerra se passa e muitas são as degradações em função dela, os anos em que a Revolução acontece são descritos como gloriosos.

O trecho que analisamos ainda trata a respeito de vida e morte, da necessidade de esquecer a família em favor das armas, das lutas, a fim de afastar os manifestantes. O mesmo discurso apresenta como valor fundamental esta terra, já que há duas opções, vencer para salvá-la ou, preferir morrer em nome dela. Os pensamentos são representados de forma que hoje, façamos uma releitura entendendo que a família, a casa e outros fatores importantes eram deixados em segundo plano. Caberia, portanto, questionarmos quais os motivos destas paixões tão intensas em favor das lutas e da terra gaúcha. Uma possível resposta talvez esteja justamente nos constantes e repetidos discursos apresentando o heroísmo daqueles que lutam por ela, textos que difundem ideias e pautam as rodas de conversa nos mais diferentes locais, conforme podemos verificar quando apresentamos o modo como se dava o jornalismo naquele século.

Porém, não apenas os triunfos eram relatados em *A Federação*. Na edição de 05 de janeiro de 1894 o diretor de redação, Pedro Moacyr, assina a matéria que conta sobre uma derrota republicana. O texto inicia com uma frase afirmando que, uma vez autorizado, o jornal explicará os fatos do combate em Rio Negro. O narrador inicialmente discorre sobre a ida dos republicanos até Bagé, a fim de perseguir os federalistas. O redator explica que o grupo republicano possuía entre 600 e 700 homens, e que os inimigos estavam escondidos com uma grande vantagem em relação a eles. Ao saírem do esconderijo, apareceram, conforme o discurso do jornal, 3 mil soldados federalistas, afirmativa que vem com intuito de justificar o porquê da derrota. Podemos notar que o discurso é construído com muito cuidado, com o intuito de não promover uma imagem negativa do partido, ainda que não tenham vencido a batalha, isto pode ser constatado a seguir:

Podendo correr e salvar-se, o inclyto defensor de Sant'Anna preferiu sacrificar-se e não abandonar o campo da lucta. Sempre intrépido, quiz morrer, mas não recuar. Mandou que sua pequena e abnegada força fizesse alto, dispol a em ordem de batalha e durante tres dias a fio resistiu com o mais espantoso denodo aos assaltos do inimigo, seis vezes superior em numero ! N'esse memorável encontro, a legião republicana operou prodígios de valor e disciplina, causando os mais terriveis estragos nas fileiras *federalistas* e ensinando aos covardes como é que se morre contente pelo triumpho de uma Idea legitima, de uma grande principio patriotico! (A FEDERAÇÃO, 1894, ed. 4, p. 1).

De acordo com o fragmento, é perceptível no discurso do jornal que morrer lutando é mais valorosamente considerado do que viver e precisar fugir do inimigo. Embora se saiba da derrota, os argumentos são postos com a finalidade de valorizar os feitos republicanos. Há a justificativa de um número bem maior de soldados oponentes e, além disso, o engrandecimento das atitudes dos republicanos, considerados, pelo redator, disciplinados e corajosos já que, mesmo em menor número, causaram estragos para com os inimigos. É como se o narrador tentasse, mesmo na derrota buscar motivos para que os soldados fossem valorizados e que o orgulho não fosse ferido e, para legitimar este fato, afirma que morrer pela pátria é algo positivo, que os deixaria contentes. Estes fatores indicam uma valorização da guerra, colocando episódios bárbaros em um patamar de exaltação. De acordo com Ginzburg (2012), é diante de ações violentas e solo cheio de sangue que muitos povos acreditam construir sua glória. E esta situação não é combatida pelo discurso, pelo contrário, é fortalecida a partir das ideias expostas.

Corroborando com estas ideias, há, na edição de 14 de março do mesmo ano, a matéria intitulada “Desillusão: A’ famillia Silva Telles”. É um texto quase romanesco, com expressões bastante metafóricas e carregadas de sentimento, um discurso que abrange, inclusive, diálogos recriados, como se fosse uma ficção, contudo, retrata uma história verídica sobre a vida de uma esposa em suas esperas pelo marido que ia lutar. “– Tu lhe darás muitos beijinhos, abraçarás muito o teu papae, não é, meu bello anjinho?” [...] “– Mamãe, mamãe, ima carta; será do papae”? (A FEDERAÇÃO, 1894, ed. 61, p. 1). Estes são alguns dos diálogos presentes neste texto que conta ainda o modo como eram as chegadas e partidas deste esposo que, em um de seus retornos, chega leso pela guerra: “Junto ao heróe ferido está a esposa e estão os filhos ; seu coração está despedaçado por mil cruciantes dores” (A FEDERAÇÃO, 1894, ed. 61, p. 2). Porque retornou ferido da guerra, que foi para lutar e defender sua terra, o soldado é considerado um herói pelo discurso deste impresso. O artigo segue contando sobre o desespero e esperança da mulher pedindo que os médicos façam tudo para salvá-lo e, diante desta situação. O ferido, por ter lutado ao lado republicano, é considerado com a honra imaculada. Por não mais poder lutar, em função de perder um de seus membros, o texto já justifica que embora o soldado seja perdido, ganha-se mais um herói, que representará também para a família um grande exemplo. Sem questionar sobre suas dores ou angústias, o discurso trata o fato inclusive como positivo, argumentando que a invalidez e mutilação representam uma conquista, por uma causa que, mais uma vez, é denominada como sendo santa.

O jornal, neste contexto, estaria posicionando-se, mais uma vez, a favor da guerra, esta que, através de suas consequências, devolve soldados considerados grandes exemplos para a pátria e para os demais. Posteriormente, ao relatar que o homem morreu, mais uma vez o texto refere-se a ele como glorioso. O redator também faz referência a dor da família e a infelicidade da esposa, que poderia ser ainda maior se não tivesse os filhos, entretanto, continua exaltando o ocorrido: “Quão cara te custou a victoria, nobre soldado ! A patria te chora ainda! ...” (A FEDERAÇÃO, 1894, ed. 61, p. 2).

A Revolução Federalista segue até agosto de 1895, ano em que *A Federação* começa a publicar inúmeros informativos do Senado e, no mês de julho, as matérias, anúncios, boletins, são quase que exclusivamente fazendo referência à morte de Floriano Peixoto. Já em 20 de julho de 1895, mês que está às vésperas de terminar a

Revolução Federalista, e já com o jornal sob direção de redação a cargo de Pinto da Rocha, o redator Evaristo do Amaral assina a matéria intitulada “Em Casa de pobre...”, fazendo alusão à máxima de que alegria em casa de pobre dura pouco, assim como a alegria dos federalistas que confabulavam sobre a proximidade da paz, considerando o desmoronamento da autonomia rio-grandense:

“E’ a paz, dizem elles, a paz que vem estabelecer a confraternisação interrompida ; a paz que vem recompor as finanças brechadas, a paz que vem munida do condão maravilhoso de despir o lucto da sociedade para vestil-a de ponto em branco. Ah! Mas não ! A paz de que tratam os follicularios e os revoltodos, empenhados em trazer ma ores difficuldades á Republica, não é a paz virtuosa dos bem intencionados, é uma audaz e astuciosa trapaça, uma grande traição. A paz que elles querem adivinha-se pela forma como fallam; não é a paz que venha a cooperar na cimentação do regimen republicano e do principio da auctoridade e do respeito ás instituições autonomicas do Estado; [...] A paz que elles querem é uma cathgorica declaração de guerra. Ah! Querem a guerra em nome da paz? Querem que o regimen de revoltas seja constante no Republica? Querem estraçalhar então o Rio Grande do Sul em eterna lucta civil? E tudo tendo nos labios fementidamente, hypocritamente, a palavra – paz! [...] Sim, a paz, venha a paz porém com a quem o presidente da Republica, o congresso nacional, o presidente do Estado e o partido republicano. Tudo o que não fôr isso não será a paz, por cernto. As alegrias do *federalismo* e de seus achegos, suppondo que a paz se faça com sacrificio do poder publico e da autonomia do Estado, durarão muito pouco. São como as alegrias em casa do pobre... (A FEDERAÇÃO, 1895, ed. 170, p.1).

O texto parece distinguir os tipos de paz. Se a paz for proposta pelos federalistas, ela não é positiva, segundo o redator. Após todas as lutas e tantos feridos, a paz só terá validade, no discurso do jornal, se for através dos ideais republicanos, fora a isso, é preferível que a guerra siga. Este é um princípio inerente à revolução, nenhum dos lados quer entregar-se como derrotado e, portanto, não aceita as propostas dos outros. Contudo, é sabido que neste período os federalistas já estavam com as forças enfraquecidas, poucos soldados e munição, e a Revolução já estaria, portanto, vencida pela situação, que enfatiza que a paz somente poderá existir baseada nas condições propostas por eles.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises de textos veiculados no jornal *A Federação*, podemos compreender que o jornal, embora não se limite a difundir as ideias políticas,

publicando também outras temáticas, tem, na página principal, o enfoque na questão do partido e, principalmente, na guerra, difundindo sempre positivamente a atuação do grupo republicano.

Os horrores da Revolução são veiculados constantemente através das páginas de *A Federação* e os discursos adotam inúmeras expressões voltadas ao heroísmo dos combatentes, às ações em favor da pátria que, mesmo causadoras de destruições – nunca expostas em detalhes pelos textos –, eram caracterizadas como gloriosas, sendo a guerra, quando lutada em nome do Estado e, principalmente dos ideais da República, considerada pelos redatores como sagrada.

O período mais problemático para se concretizar a objetividade no jornalismo é aquele permeado por guerras, segundo Stephen Cviic (2003), um dos repórteres que realizou uma cobertura de guerra do Iraque. E o primeiro problema em ser objetivo, segundo o autor, é ter acesso às fontes e visualizar as situações dos dois lados. Sendo assim, entendemos que *A Federação* não ansiava por ser um jornal objetivo já que não possuía a pretensão de demonstrar duas ou mais versões, mas exclusivamente aquela que apoiava, já que representa um partido específico durante a revolução. Outrossim, o modo de fazer jornalismo naquele período era diferente do que temos hoje. Noções relacionadas a critérios de noticiabilidade, lead, acesso a fontes de informação, por exemplo, surgiram depois e, portanto, não podemos avaliar os jornais da época a partir destes elementos, por exemplo. Todavia, por outro lado, podemos, através da análise documental, compreender como se constituía este discurso naquele contexto e, assim, quais as ideias difundidas a partir daqueles textos.

Percebemos, ademais, que o discurso abordado pelo jornal analisado eleva a revolução como sagrada, os combatentes como heróis, o Estado do Rio Grande do Sul como glorioso e, o seu partido, como supremo. Há exaltações a tudo o que se refere aos interesses do governo que sustem o periódico. Quando um fato negativo aparece, em seguida é amenizado, com justificativas que vêm para suprir os porquês das falhas. Cviic (2003, p. 18) explica que, em uma guerra, “o sucesso de um lado é o fracasso do outro” e, em nenhuma hipótese, os jornais que analisamos se permitem publicar algo que possa se aproximar de uma derrota, maximizando as vitórias e diminuindo ou inclusive omitindo insucessos do seu lado. Com ataques constantes aos oponentes, sem medir as palavras destas enunciações, ambos os impressos, de acordo com a linguagem de cada época, pretendem orientar e estimular o povo que pense da mesma maneira.

Percebemos, ao longo desta análise, a linha tênue entre o sensacionalismo e a omissão. Fatos são exaltados enquanto outros sequer aparecem. As dores causadas pela violência das guerras são vistas e traduzidas sempre de uma mesma forma: são meios de formar heróis e de conquistar vitórias. Chantal Rayes (2003), que também esteve na cobertura da guerra do Iraque, afirma que a mídia, muitas vezes, segue a lógica mercantil, e é o que de fato podemos verificar atualmente, mas, no século XIX, observamos que a lógica dos veículos de comunicação baseava-se no partido e nas vaidades.

Em uma matéria jornalística, os fatos podem ser postos, conforme Matheus (2011, p. 60), com vistas a utilizar o medo como uma “medida de controle social”. É o que parece acontecer nos periódicos do século XIX, não o medo, mas, principalmente, a superestima das ideologias, tendem a buscar este controle, e a maneira como os fatos são expostos parece instigar ao temor apenas da vitória do oponente, e, de nenhum modo, o temor pela vida ou pelas dores, pois estas são vistas como positivas ao considerar os objetivos destas lutas.

A perspectiva abordada por Barbosa (2010, p. 132) encaixa-se nesta questão: “ao construírem identidades, os periódicos referendam ideias que também são correntes entre escritores, jornalistas e demais intelectuais [...] há a transformação dessas ideias em documentos-memória”. No jornal analisado jornalistas, articulistas, líderes, escritores esporádicos, todos compactuam uma mesma ideologia e a difundem através de discursos que se complementam ou, pelo menos, equivalem-se na questão das opiniões. A repetição destas informações congruentes articula a formação de uma opinião homogênea do seu tempo e, uma vez documentados, resguardam esta memória para as gerações posteriores. Entretanto, o modo como a guerra se representa no discurso não difunde uma visão crítica sobre a guerra. Embora apresente fatos trágicos decorrentes das batalhas, os textos não os apresentam como consequências negativas de uma revolução, publicando as informações de maneira unilateral, que envolve apenas uma versão dos acontecimentos.

4 REFERÊNCIAS

AS CONDIÇÕES da paz. **A Federação**. Porto Alegre, p. 1, 22 julho 1895.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**. Trad. George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971.

- BANDITISMO em São Borja. **A Federação**. Porto Alegre, p. 1, 1º abril 1893.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800 – 1900. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- BOLETIM d’a Federação – Grande Victoria. **A Federação**. Porto Alegre, p.1, maio 1893.
- COMBATE do Rio Negro. **A Federação**. Porto Alegre, p.1, 05 janeiro de 1894.
- CORRERIAS. **A Federação**. Porto Alegre, p. 1, 31 agosto 1895.
- CVIIC. Stephen. Objetividade e reportagem de guerra. In OGIER, Thierry; GOYZUETA, Verónica (org.). **Guerra e imprensa**: Um olhar crítico da cobertura da guerra do Iraque. São Paulo: Summus, 2003. p. 17-22.
- DESILLUSÃO: A’ familia Silva Telles. **A Federação**. Porto Alegre, p. 1 - 2, 14 março 1894.
- EM CASA de pobre... **A Federação**. Porto Alegre, p. 1, 20 julho 1895.
- EM NOME da lei. **A Federação**. Porto Alegre, p. 1, 29 agosto 1895.
- FLORES, Moacyr. **Rio Grande do Sul**: Aspectos da Revolução de 1893. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999, p. 115.
- GUAZZELLI, Cesar. Pois então degola: representações da barbárie sobre campeiros e milicianos no século XIX. História em Revista. Pelotas: UFPel, v.10, dezembro de 2004, p.49-59.
- LOUVORES. **A Federação**. Porto Alegre, p.1, 14 março 1894.
- MENINO assassino. **A Federação**. Porto Alegre, p. 1, 07 março 1894.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Lukács: Mimese e implicações de leitura. In: BORDINI, Maria da Glória; SENSEVERINO, Antônio Marcos et al (Orgs.). **Lukács e a literatura**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. p. 181-208.
- ORDEM do dia. **A Federação**. Porto Alegre, p. 1, 1º abril 1893.
- ORDEM do dia. **A Federação**. Porto Alegre, p. 1, 1º abril 1893.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução Federalista**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- RAYES. Chantal. A outra face da guerra. In OGIER, Thierry; GOYZUETA, Verónica (org.). **Guerra e imprensa**: Um olhar crítico da cobertura da guerra do Iraque. São Paulo: Summus, 2003. p. 23-30.
- RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 1993.
- SODRÉ, Muniz. **O social irradiado**: violência urbana, neogrotesco e mídia. São Paulo, Cortez, 1992.
- VIVA a Republica. **A Federação**. Porto Alegre, p.1, 06 maio 1893.